

[Blog da USP - 29/04/2013 -](#)

## Cinusp exhibe filmes e realiza palestras sobre conflitos, massacres e genocídios

De hoje, dia 29 de abril a 17 de maio, o Cinema da USP (Cinusp) realiza a mostra de cinema "Conflitos armados, massacres e genocídios na era contemporânea".

Esta mostra tem como tema alguns dos momentos mais trágicos dos últimos 100 anos. Ao visar os efeitos das estratégias militares dos Estados nacionais sobre a vida social das populações civis na era contemporânea, de 1914 em diante, os filmes da mostra abordam processos mortíferos que tiveram curso durante ou em consequência de conflitos armados a partir de duas modalidades elementares: massacres e genocídios.

Com essas questões em mente, foram reunidos nessa mostra 16 filmes – que serão exibidos durante três semanas, de segunda a sexta-feira, em duas sessões diárias: uma às 16h e outra às 19h – que tratam de alguns dos eventos mais dramáticos que marcaram a primeira metade do século XX, como: a Guerra Civil Espanhola (de 1936-39, *O Labirinto do Fauno*); o Holocausto Judeu (de 1938-45, *Arquitetura da Destruição*); as bombas de Hiroshima e Nagasaki (em 1945, *Rapsódia em Agosto*). Além de lembrar também conflitos mais recentes, de meados do século passado até os dias de hoje, como a Guerra do Vietnã (de 1955-75, *Corações e Mentes*); o Genocídio de Ruanda (em 1994, *Tiros em Ruanda*); o conflito Israel-Palestino (de 1947 até hoje, *Paradise Now* e *Cinco Câmeras Quebradas*), entre outros. Confira abaixo a programação completa.

Para discutir o desenvolvimento histórico e geopolítico de cada um dos conflitos abordados, serão realizadas palestras às terças e quintas-feiras, logo após as sessões das 19h, com especialistas e membros do Diversitas que debatem acerca dos temas evocados pelos filmes.

A exibição dos filmes e palestras é resultado da parceria entre o Cinusp e o Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (Diversitas) – que têm se dedicado às questões correlatas a conflitos armados de larga envergadura e suas consequências sociais na contemporaneidade; e foi elaborada, em todas as suas etapas, pelos pesquisadores do Diversitas: com curadoria de Rodrigo Medina Zagni e pesquisa de André Lopes Loula, Heitor de Andrade Carvalho Loureiro e Flávio De Leão Bastos Pereira.

A entrada é gratuita e aberta ao público em geral. O Cinusp tem capacidade para 100 pessoas. O Cinusp está localizado na Rua do Anfitheatro, 181, Colmeia –Favo 4 – Cidade Universitária, São Paulo.

Mais informações pelo telefone: (11) 3091-3540 ou por e-mail: [cinusp@usp.br](mailto:cinusp@usp.br)



# cinusp / 29abr a 17mai 2013

seg 29 abr	16h00 /katyn 19h00 /o labirinto do fauno	qui 09 mai	16h00 /screamers 19h00 /escola das américas + PALESTRA
ter 30 abr	16h00 /o tumulto dos vagalumes 19h00 /screamers + PALESTRA	sex 10 mai	16h00 /valsa com bashir 19h00 /túmulos dos vagalumes
qua 01 mai	• FERIADO	seg 13 mai	16h00 /escola das américas 19h00 /tiros em ruanda
qui 02 mai	16h00 /corações e mentes 19h00 /arquitetura da destruição + PALESTRA	ter 14 mai	16h00 /flores do oriente 19h00 /na terra do amor e ódio + PALESTRA
sex 03 mai	16h00 /cinco câmeras quebradas 19h00 /caminho para guantânamo	qua 15 mai	16h00 /o labirinto do fauno 19h00 /katyn
seg 06 mai	16h00 /valsa com bashir 19h00 /paradise now	qui 16 mai	16h00 /caminho para guantânamo 19h00 /cinco câmeras quebradas + PALESTRA
ter 07 mai	16h00 /arquitetura da destruição 19h00 /rapsódia em agosto + PALESTRA	sex 17 mai	16h00 /na terra do amor e ódio 19h00 /flores do oriente
qua 08 mai	16h00 /darfur 19h00 /corações e mentes		

/sala cidade universitária  
r do anfiteatro 181 favo 04  
entrada franca  
55 11 3091 3540

universidade de são paulo  
pró-reitoria de cultura e extensão  
cinusp paulo emílio  
www.usp.br/cinusp



**Bruna Alencar Santos (Portal USP)** - Porque foi escolhida essa temática?

**Rodrigo Medina Zagni** - Esta é uma atividade produzida pelo grupo de pesquisa "Conflitos armados, massacres e genocídios na era contemporânea" do DIVERSITAS - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo, em parceria com o CINUSP - Paulo Emídio. O grupo, cuja composição é inter e multidisciplinar, trabalha com o espinhoso tema dos conflitos armados, processos morticidas e genocídios que tiveram curso na era contemporânea e como se trata da primeira mostra de cinema que produzimos, resolvemos trazer para o grande público um panorama geral do que foi, nessa perspectiva, o período que se estende da Grande Guerra, em 1914, até o presente, e cuja maior parte (de 1914 a 1989) foi caracterizada por Eric Hobsbawm como uma "era de catástrofes". É exatamente o período que enfocamos nos trabalhos do grupo.

Trata-se de um tema de extrema relevância fundamentalmente porque o período tratado foi palco, além de inúmeros conflitos localizados, de duas guerras mundiais - nas quais tiveram lugar dois genocídios paradigmáticos: o Genocídio Armênio e o Holocausto Judeu, e cujo término foi marcado pelos ataques morticidas a Hiroshima e Nagasaki -, a 4 longas décadas de Guerra Fria - que impôs à humanidade reais possibilidades de destruição civilizacional e que, na forma das ditaduras militares que varreram o Cone Sul, apresentaram ao mundo o fenômeno brutal do "terrorismo de Estado" -, bem como aos conflitos étnico-nacionalistas dos Bálcãs à África (onde se reinventou, por exemplo, o estupro como arma de guerra) e Oriente Médio, onde segue irresoluto o conflito israelo-palestino. Em um mundo convulsionado por crises sistêmicas, amargando o perigo de um conflito termo-nuclear, onde conflitos étnicos se agudizam e fundamentalismos (dos Estados a atores não-estatais) desvelam a ausência de interlocutores para os necessários processos de paz, é preciso revisitar nosso passado recente a fim de identificarmos em distintos processos morticidas padrões referenciais que nos possibilitem compreender o mundo contemporâneo, pré-requisito essencial para ultimar qualquer projeto de transformação social.

Realizar este exercício em uma universidade, não apenas para o público acadêmico mas aberto a todo o público e gratuitamente, utilizando os meios de educação formal para a formação de quadros humanísticos, é uma maneira de tentarmos dar conta da missão emancipadora proposta por Theodor Adorno no célebre texto ""Educação após Auschwitz".

**BAS** - Como foram escolhidos os temas?

**RMZ** - Na composição dos sub-temas que nos levaram, em seguida, a escolha dos filmes, diferentes olhares possibilitaram uma compreensão mais abrangente acerca de processos complexos e que refundaram as sociedades humanas a partir da destruição e reconstrução de suas teias de sociabilidade, a partir do pior e do melhor que a condição humana pode demonstrar de si mesma. Com este escopo, visitaremos na mostra os mais dramáticos eventos que marcaram o séc. XX: o Genocídio Armênio (de 1915 a 1917); a Guerra Civil Espanhola (de 1936 a 1939); o Holocausto Judeu (de 1938 a 1945); o Massacre de Nankim (em 1938); o Massacre de Katyn (em 1940); os ataques incendiários a Tóquio durante a Guerra no Pacífico (em 1944); as bombas de Hiroshima e Nagasaki (em 1945); a Guerra do Vietnã (de 1955 a 1975); as ditaduras militares no Cone Sul (durante as décadas de 1960 e 1970); o Massacre de Chatila (em 1982); o Genocídio de Ruanda (em 1994), o Genocídio de Srebrenica (em 1995); o conflito Israelo-Palestino (de 1947 até o presente); o Genocídio de Darfur (em 2003) e as violações de direitos perpetradas no contexto de "Guerra Preventiva ao Fundamentalismo", levada a cabo pelos Estados Unidos após os ataques de 11 de setembro de 2001.

Elegemos estes temas a fim de compor um quadro compreensivo mais geral dos processos morticidas e situações de flagrante violação de direitos que tiveram curso na era contemporânea. Para que isso fosse feito com objetividade e para que não caíssemos no desnecessário exercício enciclopédico, evidentemente, tivemos que empreender dois recortes que, esperamos, não tenham mutilado nosso objeto: um recorte cronológico e outro temático.

Quanto ao eixo temático, qualquer crítica apontaria para a omissão de ocorrências de guerras como a da Coréia, por exemplo; bem como de genocídios como o Cambojano, perpetrado pelo Khmer Vermelho, liderado por Pol Pot, de 1975 a 1979 e o Genocídio de Curdos, praticado pelo regime de Saddam Hussein, no Iraque.

Ocorre que os conflitos armados, na forma das guerras convencionais ou do "choque de civilizações", nos interessam apenas como plano possibilitador para a implementação de estratégias de aniquilamento de povos, etnias e nações inteiras. Fugindo também de sistematizações de caráter enciclopédico, que resultam sempre simplistas, elegemos casos paradigmáticos que nos possibilitam compreender o núcleo duro da problemática das violações de direitos nesses dramáticos eventos.

Com isso, mapeamos um largo espectro, buscando nele, em meio a dinâmicas econômicas, conjunturas políticas, regimes ideológicos, práticas diplomáticas, militares e complexas estratégias de guerra, tatear o que de fato nos interessa: a condição humana!

**BAS** - Como foram escolhidos os palestrantes? Como foi feito o contato?

**RMZ** - Temos entre os palestrantes pesquisadores do grupo "Conflitos armados, massacres e genocídios na era contemporânea", pesquisadores de outros grupos integrantes também do DIVERSITAS-USP e pesquisadores de outras instituições de referência; o que todos têm em comum é a trajetória de pesquisa de temas como a guerra e a paz, morticínios e questões correlatas a conflitos armados de larga envergadura na era contemporânea, como deslocamentos populacionais provenientes de regiões de conflito, a condição de refugiados de guerra, a atuação das organizações internacionais, do Tribunal Penal Internacional, das organizações não-governamentais de ajuda humanitária, o terrorismo de Estado, a atuação do terrorismo internacional etc.

**BAS** - O que pretende passar para o espectador?

**RMZ** - Por mais pragmática que nos pareça a filosofia de História proposta por Santayana na máxima: "quem não conhece o passado está condenado a revivê-lo", esta sentença faz muito sentido se pensarmos que pouquíssimas lições foram tiradas de eventos como, por exemplo, o Holocausto, para que tais horrores não mais acontecessem. Em primeiro lugar, é necessário lançar luzes sobre massacres e genocídios que seguem subtraídos das narrativas históricas tradicionais, para então estabelecer um diálogo que nos possibilite compreender em perspectiva crítica gravíssimos problemas no presente: como violações de direitos que ocorrem em Guantânamo, o flagelo do povo palestino, a atuação do terrorismo internacional, as práticas de "guerra preventiva ao fundamentalismo" etc.

**BAS** - Qual o impacto que a Mostra ganha ao ser realizada em um ambiente como o universitário?

**RMZ** - Trata-se de uma importante atividade de extensão e que pretende estabelecer um espaço de discussão e de crítica sobre temas que não podem, de maneira alguma, cair em esquecimento. Fazê-lo em uma universidade, conforme disse anteriormente, é uma forma de contribuímos para a realização de uma educação emancipadora e humanística apta não apenas a formar técnicas e braços para a manutenção do "status quo", mas fundamentalmente para pensar o complexo mundo onde relações de poder carecem, urgentemente, serem subvertidas.

**BAS** - Como e quando surgiu o DIVERSITAS (Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos - USP)?

**RMZ** - O Diversitas nasceu das atividades desenvolvidas nos últimos nove anos por pesquisadores ligados ao Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, concentrados nos temas dos direitos à vida, as liberdades e ao construto cultural societal em sua diversidade.

**BAS** - Qual o objetivo do Núcleo?

**RMZ** - Podemos determiná-lo a partir de três frentes: a redefinição do campo conceitual dos debates sobre o binômio intolerância/ tolerância a partir de novas abordagens que privilegiem as diversidades; o desenvolvimento de pesquisas relativas aos conflitos contemporâneos em espaços nacionais e internacionais e a necessidade de reconfiguração das estruturas político-jurídicas para abarcar as diferentes legitimidades decorrentes dos limites do direito instituído; e finalmente a implantação dos estudos e pesquisas realizados no Diversitas ao Programa de Pós-Graduação – Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, criado pelos pesquisadores do Núcleo.

**BAS** - Quantas pessoas estão envolvidas no projeto? Trabalham com bolsistas?

**RMZ** - No DIVERSITAS, hoje, constam 108 pesquisadores distribuídos entre 9 grupos de pesquisa e entre pesquisadores associados, dentre os quais há bolsistas de iniciação científica, mestrado e doutorado. No grupo de pesquisa "Conflitos armados, massacres e genocídios na era contemporânea" trabalham, hoje, 7 pesquisadores, tendo todos tomado parte, de alguma forma, no projeto de elaboração da mostra.

**BAS** - Quais recursos financiam o núcleo?

**RMZ** - São recursos públicos provenientes da própria universidade e de agências governamentais de fomento à pesquisa.

**BAS** - Quais os trabalhos do Núcleo?

**RMZ** - Além das várias atividades desenvolvidas pelos pesquisadores do núcleo em seus respectivos grupos, como publicações (livros, artigos etc.), congressos, simpósios, seminários, palestras, cursos de extensão, cursos de difusão cultural, exposições, mostras de cinema etc.; o DIVERSITAS mantém o Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, com alunos de mestrado e doutorado, oferecendo orientação por parte do corpo docente cadastrado no programa e disciplinas de pós-graduação para alunos deste e de outros programas de pós-graduação.

**BAS** - Como conseguir resultados mais efetivos para o Núcleo?

**RMZ** - Desde a sua fundação, o DIVERSITAS busca transpor os muros da universidade, chamando diversos segmentos sociais para a construção conjunta de seus saberes. Neste sentido, seus quadros buscam aproximar o mundo acadêmico de organizações sociais e levar o debate sobre a intolerância aos segmentos de sociedade que de fato a vivenciam.

**BAS** - Como lidar com essas personagens sem ser invasivo ou insensível?

**RMZ** - O tratamento de temas como os que são abordados na mostra requer do pesquisador enormes cuidados. Trabalhando com a memória de vítimas e de perpetradores, dos registros escritos à oralidade, o desafio requerido envolve evidentemente distanciamentos necessários para que a abordagem científica não dê lugar a ideologismos ou a apropriações afetivas dos objetos de análise, sem contudo esquivar-se o pesquisador de sua própria condição de humanidade, de sua capacidade de empatia e alteridade, dado que esses temas nos afetam a todos.

**BAS** - Qual a importância de permitir que aqueles que presenciaram o ocorrido possam contar aos outros?

**RMZ** - Conectar o espectador a essas experiências de vida por meio de situações dramatizadas e de relatos documentais, permite fazê-lo reconhecer-se, numa cadeia de relações empáticas, com o "outro", permitindo que ele se reconheça no diverso a partir de sentimentos e sensações que partilhemos como humanos, independente das diferenças físicas ou culturais que tenhamos. Daí provêm sentimentos como os de solidariedade, tão ausentes nas sociedades de consumo de massa.

**BAS** - Como convencer a esses indivíduos a contar suas histórias?

**RMZ** - É claro que ao transformarmos a memória em narrativa histórica, seja na forma textual, seja nas telas de cinema, potencializamos seu caráter didático. Ocorre que a memória sofre processos naturais de degradação, além das obliterações conscientes e inconscientes que produz em relação a uma determinada experiência vivida. É do humano a necessidade de processar as ocorrências / estímulos vividos transformando-os em experiência e conformando, com isso, repositórios de memórias; contudo, temos que considerar que ocorrências indesejadas resultam, em seu processamento, extrema dor, a ponto de haver aqueles que optam por não processá-las e se calam sobre o que viveram, como é o caso dos que foram torturados pelo regime militar brasileiro e se negam a falar sobre o que passaram. No caso dos sobreviventes dos campos de morte nazistas, as ocorrências trágicas puderam ser processadas de diferentes formas por aqueles que decidiram seguir adiante, ainda que rememorar signifique experienciar, novamente, sensações dolorosas, e isso foi feito primordialmente na forma de livros de memórias e testemunhos orais (muitos desses registrados em vídeo), cujo propósito é o de alertar as gerações futuras para os perigos de doutrinas de ódio serem alçadas à condição de doutrinas políticas e de essas ganharem o poder, como no caso do nazismo. De igual forma, os sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki fazem perpetuar suas memórias a fim de que cesse a fabricação e utilização de armas termo-nucleares, ainda que como instrumento de dissuasão.

**BAS** - Qual a importância de reunir filmes que retratam acontecimentos antigos e acontecimentos recentes e/ou atuais?

**RMZ** - Somos filhos da nossa própria História, ou, como nos dizeres de Paul Ricoeur, "pertencemos à História antes de pertencermos a nós mesmos"! Isso em termos de mentalidades, constituição cultural, cultura política etc.; por meio da "tradição" tendemos sempre a perpetuar o que nos fora legado de forma perigosamente acrítica; por isso a necessidade de conhecermos as fundações do mundo em que vivemos para lidarmos com sua configuração no presente. Essa mostra tem, com isso, um importante escopo educativo que visa apresentar ao espectador, em termos panorâmicos, como o conceito de "civilização" no qual se assentam as sociedades capitalistas, sedimentou-se por sobre vagas de humanidade que pereceram. Essa perspectiva nos impõe o desafio de compreender que os morticínios que caracterizam esta "era de catástrofes" não são produto da barbárie, mas da civilização; tampouco é resultado do "atraso" em formações sociais "inconclusas"; mas da própria concepção de modernidade.

**BAS** - É possível estabelecer uma relação entre esses filmes? Algo comum a todos?

**RMZ** - Talvez esse seja o maior atrativo da mostra, fundamentalmente porque os filmes, na grade de programação, não estão dispostos num percurso linear-cronológico o que nos permite romper as barreiras de espaço e de tempo e escapar, com isso, de simplismos como as ideias de progresso ou evolução (reais apenas no que consiste ao progresso técnico e à evolução dos meios de aniquilamento), correlacionando eventos distintos como os genocídios de Ruanda e armênio, o genocídio de Darfur e o Holocausto, sem medo de sermos anacrônicos e buscando nesses processos elementos que lhes sejam universais, a bem daqueles que lhes sejam únicos. Por exemplo, em processos genocídios, é possível dizer que o negacionismo seja uma etapa constitutiva dos próprios genocídios, uma vez que há negacionistas tanto do Holocausto quanto do Genocídio Armênio, por exemplo. Outra característica inerente a todos os temas tratados na mostra é o evidente processo de desumanização por que passam as minorias sociais vitimadas; seguindo a proposta interpretativa da filósofa francesa Françoise Heritiér, o intolerante não é o desumano da relação, senão aquele que arvora-se como o único portador de humanidade, negando a humanidade daquele que deve perecer; a criação de doutrinas ideológicas ou mesmo de discursos pseudo-científicos que justifiquem essa condição de inumanidade das vítimas é perceptível em vários desses processos, bem como a associação de seus esteriótipos a animais ou insetos (com o mesmo escopo de desumanizar): os judeus eram associados a ratos; enquanto os tutsis a baratas. Há tantas outras características comuns; mas identificá-las cabe ao espectador que acompanhará a mostra e verá que em momentos e lugares distintos, ainda que produto de seu tempo, há evidentes padrões recorrentes.

**BAS** - Como o ser humano é visto? Ambos os lados.

**RMZ** - A partir do que de pior e de melhor ele revela. Em momentos de crise, em situações extremas como aquelas tratadas nesta mostra, é liberado tanto o poder destrutivo quanto a abnegação e a solidariedade que guardam a humanidade. Na medida em que temos perpetradores submetidos a processos de massificação ideológica incapazes de medir o mal que realizam ou plenamente conscientes dele, há aqueles que desobedecem e ainda que arriscam suas próprias vidas a fim de salvar por vezes pessoas que nunca conheceram. Há um misto de desilusão e de esperança que deve tocar nosso espectador, frente à banalidade do mal (identificada por Hannah Arendt e que é evidenciado na mostra) e ao desapego movido pela alteridade, esta que leva às práticas de solidariedade e de resistência capazes de restabelecer as teias de sociabilidade em ambientes devastados pelo flagelo humano.

**BAS** - Como retratar o flagelo humano?

**RMZ** - Certamente as ciências humanas e sociais não estão munidas de ferramentas analíticas adequados para medir aquilo que a razão humana não é capaz de conceber, isso porque não é possível computar a dor carregada pelas vítimas desses processos, para as quais não há referências. Estamos no terreno daquilo que intangível e dada essa impossibilidade, de a razão não poder conceber o inconcebível (como o Holocausto, por exemplo) é que suportes para representações artísticas têm uma eficácia notadamente superior para comunicar o flagelo humano. Não há tese

acadêmica sobre o Holocausto que se compare a um poema de Primo Levi e, se considerarmos o célebre texto de Adorno, "Educação após Auschwitz", trata-se de um ensaio, não de um artigo strictu sensu, por isso seu poder de comunicar aspectos da condição humana é de tal forma devastador. O mesmo vale para o cinema tanto dramático, quanto documental e de animação, que serão exibidos na mostra; seu poder é muito maior para demolir certezas vãs e implantar, em seu lugar, dúvidas consistentes acerca da concepção que nutrimos de civilização, progresso, evolução e outras falácias.